



IV Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Novas Reflexões Sobre as Democracias do Nosso Tempo

Pelotas, 26, 27 e 28 de setembro de 2022.

GT: Teoria do discurso de Pesquisa em educação Entre Azougadas em Andanças: movimentos curriculares de gênero e sexualidade na rede pública de ensino de Pernambuco

Isabella Nara Costa Alves¹

Doutoranda em Educação (Universidade Federal de Pernambuco/Brasil)

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo trazer um recorte das principais discussões elencadas pela dissertação de mesmo título, que procurou conhecer os projetos desenvolvidos pela Unidade de Educação para as relações de gênero e sexualidade (UNERGS) e sua rearticulação nos currículos de escolas da rede pública estadual de Pernambuco. Na construção desse exercício teórico-metodológico, utilizamos a teoria discursiva de Laclau e Mouffe, das discussões de currículo como espaço-tempo enunciativo de Elizabeth Macedo e da Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino. Nesse sentido, a pesquisa explorou como o contexto moral-conservador atravessou a trajetória da UNERGS e de suas participantes, seus desafios e conquistas, assim como as tensões e negociações para execução e planejamento de seus projetos e atividades, entre eles o “Azougadas”, de caráter formativo docente e o “Andanças”, mostra de cinema voltada para o público discente.

Palavras-chave: Educação; gênero; sexualidade; Teoria do Discurso.

*Nunca foi sorte, sempre foi Exu
 (“Eminência Parda” - Emicida)*

Prelúdios embrionários

Este artigo tem como proposta conduzir as principais discussões da dissertação de mesmo título, que tem como central objetivo investigar espaços-tempos institucionalizados que (re)existem em meio aos vultos, propagações e amplitudes de uma onda (neo)conservadora que atinge o país e disputa sentidos sobre a educação de crianças, jovens e adolescentes tendo como principal estratégia a instalação do pânico moral (MISKOLCI,

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Integrante do Grupo de Pesquisa Discurso e Subjetividades (UFPE) e do Grupo de Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES/UFRPE).



2006) em torno de uma suposta ameaça à ordem social representada pelo sintagma “ideologia de gênero” (JUNQUEIRA, 2018).

Em meio a esse cenário inóspito, em Pernambuco, no ano de 2019, surge a Unidade de Educação para as Relações de Gênero e Sexualidades (UNERGS), da Gerência de Educação Inclusiva e Direitos Humanos (GEIDH) da Secretaria de Educação e Esportes (SEE). A UNERGS tem se destacado no Estado pelas ações no enfrentamento da LGBTfobia nas unidades escolares; pela promoção de espaços de estudo, pesquisa e debate sobre relações de gênero e sexualidade para estudantes e docentes; pela coordenação da Política do Nome Social junto às Gerências Regionais de Ensino e escolas; pelas mostras de cinema e produção de vídeos temáticos; e pelas parcerias desenvolvidas com outras instituições públicas e ONGs na difusão de conhecimento sobre o tema.

Quais as condições de possibilidade para a emergência da UNERGS? Que demandas foram articuladas para a constituição desse espaço discursivo? Que tensões e negociações de sentido atravessam a elaboração e implementação de seus projetos? Como se caracterizam esses projetos? Que vontades, afetos, linguagens e práticas políticas foram e são mobilizadas por e nesse espaço discursivo? Como o contexto de recrudescimento dos movimentos conservadores, especialmente as políticas antigênero, têm atravessado sua trajetória?

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral conhecer os projetos desenvolvidos pela Unidade de Educação para as Relações de Gênero e Sexualidades (UNERGS) e sua rearticulação nos currículos de escolas da rede pública estadual de Pernambuco; objetivo este que desmembra-se, por conseguinte: 1) investigar as demandas articuladas para a constituição da unidade; 2) analisar as tensões e articulações que atravessam a formulação e implantação dos projetos; 3) examinar as dinâmicas de apropriação e rearticulação dos projetos nas lógicas e práticas curriculares.

(A)fetações e travessias metodológicas

Com a intenção inicial de mergulhar nesse campo, minhas orientações (no que se refere aos princípios estratégicos) vão na direção de uma aproximação com a UNERGS através da comunicação informal, um meio de representação que se caracteriza pela espontaneidade de expressões que podem surgir a partir de conversas com pessoas que se



disponibilizam a participar do estudo. Pensamos tais estratégias como “experimentações errantes” (OLIVEIRA, 2016), uma vez que “qualquer metodologia é construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades interpeladas pelo que chamamos objeto de pesquisa e pelos modos de operação teóricas” (p. 336).

Tomando como referencial Exu, orixá da comunicação, da linguagem, o princípio do movimento e da inconformidade, assegurando o tecer de gramáticas produzidas por outras enunciações e movimentos, diferentes das narrações hegemônicas. Narrar a história da UNERGS, conforme a Pedagogia das Encruzilhadas, significa a responsabilidade de trançar narrativas, investindo esforços contra o esquecimento, abrangendo o presente e confiando em sua continuidade, ousando lembrar que “a ciência sempre teve um tanto de macumba²” (RUFINO, 2019, p. 29).

Além disso, importante contextualizar também que, em toda a dissertação, foram empregadas metáforas obstétricas, entendendo a dissertação como uma pesquisa-criança prestes a ser parida. Nessa analogia, o currículo funcionaria como “líquido amniótico” (entendido também como “águas de Oxum”, orixá ligado à fertilidade, aos rios e águas doces), em alusão não somente à Pedagogia das Encruzilhadas (2019), mas também à minha introdução religiosa ao candomblé e à umbanda em meio à qualificação e defesa do mestrado.

A seleção das/os participantes se dará através da técnica snowball (BIERNACKI; WALDORF, 1981) em que um/a entrevistado/a indicará outro/a, que por sua vez indica outro/a e assim por diante. A ideia é que possamos nos aproximar o máximo possível das atividades e agentes da UNERGS até o “ponto de saturação” – momento em que os conteúdos das narrativas começam a se repetir (BAUER; GASKELL, 2002).

As conversas informais aconteceram através da Plataforma Zoom. A partir de narrativas, nos aproximamos da história da UNERGS, suas atividades, tensionamentos, desafios, lógicas e práticas curriculares. A Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015) torna-se referencial teórico para análise e discussão do corpus. A TD tem como foco “significantes cuja contestação ou múltiplo investimento por parte de vários atores sociais permite construir articulações que alteram a ordem vigente – deslocada por crises ou deslegitimada por fracassos ou arbitrariedades” (2015, p. 17). Ela surge contrapondo-se à

² “Complexo de saberes codificados nas travessias, experiência inventiva de organização de repertórios culturais que dimensionam as práticas de saber e cura das populações em trânsito na diáspora africana” (RUFINO, 2019, p. 62).



crença do sujeito como criador de sua própria emancipação e transformação e à essencialização das identidades e das estruturas sociais, afirmando a contingência, precariedade e permanente dinâmica da ordem social e dos processos de subjetivação.

Abrindo os caminhos: as giras da UNERGS

Os nomes das participantes mantidos em sigilo para a apresentação de cada pessoa. Com base nos preceitos político-poéticos dessa pesquisa, as mulheres obtiveram o nome de “Maria”, sendo alguns nomes demarcados por conhecidas entidades presentes nas religiões de matriz africana, as pombo-giras, figuras míticas existentes na umbanda, comumente associadas como um “exu feminino”, mulheres poderosas e subversivas, tendo em comum as cores vermelho e preto, frequentemente consideradas prostitutas ou “ladras de marido”, por conta do seu feminino transgressor e da resolução de problemas amorosos e sexuais (RUFINO, 2019). Outras mulheres-marias³ participaram da pesquisa, indicadas pelas anteriores, assim como outros homens, denominados de “Zé”, diminutivo de José, como referência e homenagem ao Zé Pelintra, entidade presente no Catimbó e na Umbanda, frequentemente ligado à “malandragem” e à boêmia. Esse senso ético/estético trata-se de uma forma de reivindicar as tecnologias ancestrais para as demandas (nos termos laclaunianos) da atualidade. Laroyê⁴! Salve a malandragem! Ao todo, onze sujeitas se disponibilizaram a participar desta pesquisa, entre homens e mulheres cis e trans.

As informações elencadas nas entrevistas surgiram principalmente de acordo com os seguintes tópicos: a) As condições de criação da UNERGS, b) Os principais obstáculos enfrentados para instituir a UNERGS como unidade dentro da secretaria, c) Os principais projetos desenvolvidos pela UNERGS e materiais sobre os mesmos, d) A relação da UNERGS com as demais secretarias, com as Gerências Regionais de Educação (GREs) e com as escolas, e) A recepção do projetos desenvolvidos pelas escolas, pelas GREs e como elas estão desenvolvendo esses projetos/ações, f) A relação da UNERGS com os/as estudantes da rede estadual de ensino e a recepção deles/as às ações e projetos da Unerg, g)As principais

³ É importante ressaltar que a escolha dos nomes não condiz com nenhuma característica física ou comportamental específica de nenhuma corpa entrevistada.

⁴ Saudação na língua iorubá para exu e pomba-giras. “Salve a malandragem” ou “Salve os malandros” é comum no catimbó e/ou na umbanda para saldar Zé Pelintras.



conquistas da UNERGS até o momento e h) Desafios e obstáculos da UNERGS no âmbito da secretaria e da rede estadual de ensino de forma geral.

Percebemos nas conversas informais o que Foucault (2008) chama de “condições de possibilidade” para a emergência da UNERGS, gestadas e caracterizadas por demandas discursivas: a primeira se apresenta como *jurídica*, conforme requerimento normativo do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) quanto ao caso de violência transfóbica e o aumento de denúncias; a segunda identifica-se como *pedagógica*, uma vez que as questões de gênero e sexualidade permeiam o cotidiano do campo escolar e das experiências docentes; a terceira, de via *política*, através da legitimação das pautas de gênero e sexualidade como conteúdos curriculares, compreendendo docentes e discentes LGBTs como pertencentes à comunidade, dignos de educação; e quarta, de quesito *acadêmico*, uma vez que a formação docente requer as referidas temáticas, além do diálogo constante com a universidade.

As práticas discursivas existentes definem as condições de emergência da unidade, em que as corpas e a sociedade são permanentemente retroalimentadas em um espaço-tempo discursivo e curricular, através do falar, ver, (con)viver, existir. A capacidade temporal simultânea invoca e caracteriza Exu como “senhor das possibilidades”, princípio e potência do movimento, em que passado, presente e futuro não passam de abstrações (RUFINO, 2020). Não menos importante, existem dimensões afetivas igualmente geradoras de tais práticas discursivas, promovendo importantes alianças, ainda que contingentes, disputando enfoques hegemônicos e ressignificando o próprio campo discursivo, que “enquanto tal, é uma totalidade estruturada” (LACLAU;MOUFFE, 2015, p. 176 e 177).

Antes de sua instituição enquanto unidade de educação, a UNERGS era apenas “Andanças”, com o intuito de levar o cinema pernambucano e fazer “emergir” e por conseguinte, “andar” as temáticas de gênero e sexualidade para as escolas estaduais, evidenciando os movimentos curriculares que, de antemão, existiam no campo educacional, entretanto eram silenciados e estigmatizados. O “Andanças”, como projeto pioneiro, tinha a “cara” de Pernambuco e da própria UNERGS, atividade essa que passou por modificações devido a pandemia de COVID-19, enfocando na produção audiovisual das estudantes da rede, através do cinema de bolso. A mostra de cinema “Andanças” cruzou o Atlântico até as terras lusófonas, antes e durante a pandemia, agora como “Cine Exu”, com a ideia de projeção na rua.



A decisão inicial de trabalhar com filmes foi central no contexto curricular da UNERGS, e a mobilização das lógicas da educação em direitos humanos, da articulação teórico-metodológica entre os conteúdos de gênero e sexualidade; da parceria e da representatividade (convite de ex-alunos/as das escolas para debate nas sessões) se evidencia em todas as narrativas, mostrando as práticas discursivas da Unidade e “as várias condições que a(s) fazem ‘trabalhar’ ou ‘funcionar’” (GLYNOS; HOWARTH, 2018, p.64).

O “Imo Xirê” obteve uma recepção considerável por três fatores: a modalidade remota – uma vez que não havia deslocamento presencial, melhorando a logística e a abrangência da formação – a procura espontânea do professorado regional e nacional e ausência de formações institucionais com as temáticas de gênero, sexualidade e educação. Outros projetos da UNERGS trata-se da experiência, formulação e realização do “Azougadas” como formação interna da secretaria e do “Imo Xirê” [roda de saberes em iorubá] (circuito de palestras com docentes de diversos estados) empreendidas pela UNERGS envolveu as próprias inquietações mobilizadas pela estética de seus nomes. A preocupação em realizar formações por corpos que vivenciam em seus processos de subjetivação as temáticas desenvolvidas, fazem parte de um corolário de conhecimento que vem a ser difundido socialmente como uma prática/lógica⁵ discursiva de lugar de fala⁶ ou *lógica social da representatividade*, como por exemplo, convidar pessoas trans como palestrantes na formação sobre “trans e educação”.

O “azougue”, como inquietude e vivacidade peculiar da Zona da Mata pernambucana e a roda de saberes “Imo Xirê” produzem sentidos enunciativos da estrutura discursiva/curricular da unidade, tais como uma *educação de axé* (RUFINO, 2019), a partir um contexto epistemológico rearticulado no currículo transcultural, que sai de Pernambuco e atravessa outros estados (e países!), proporcionando “o alargamento do terreiro para pensar o mundo” (idem, p. 69). Outras atividades realizadas pela UNERGS são os comitês (diálogo com os movimentos sociais), os grupos de pesquisa (diálogo das escolas com a universidade), observatórios, colegiado, entre outras. Nesse sentido, a UNERGS aciona quatro lógicas sociais principais: da educação em direitos humanos, da parceria

⁵Para Howarth e Stavrakakis (2000), o antagonismo se instala quando um discurso ou identidade interroga e se diferencia radicalmente de outro, impossibilitando qualquer articulação entre eles. Somente investigando e tentando compreender as lógicas de equivalência e de diferença envolvidas no campo relacional de forças antagonizantes que conseguimos visualizar as fronteiras políticas de uma formação social.

⁶A obra mais conhecida em contexto brasileiro sobre o assunto trata-se de “O que é lugar de fala?” (2017) de Djamila Ribeiro, da Coleção Feminismos Plurais.



militância/Estado/academia/sociedade civil, da formação de multiplicadores/as (gestão, secretaria, docentes e discentes) e a articulação teórico-metodológica das formações. Por meio dessa “confluência” caracterizada por Maria Cigana, atual chefe da UNERGS, a unidade trabalha por meio de parcerias, que empreendem em defesa do mesmo *ponto nodal*, tendo como prioridade a garantia de recursos públicos (financeiros e humanos, por exemplo) para a educação em gênero e sexualidades nas escolas estaduais de Pernambuco.

Tais ações e projetos, possibilitam que a UNERGS não ocupe uma posição reativa (de “apagar fogo”) no contexto da Secretaria de Educação de Pernambuco, mas seja agente ativo na produção curricular do Estado, dando oportunidade para o diferir mostrar sua potência performática. O aumento de denúncias; a surpresa e boa recepção dos/as técnicos/as quanto à unidade e o retorno às GREs são indicações da operacionalização dessas lógicas e de suas interferências “nos padrões de produção de subjetividade (de docentes, gestoras e outros), de estruturação das relações e de possibilidades de (inter)ação atualizados por essas práticas” (OLIVEIRA, 2018, p. 203). Os embates hegemônicos continuam ativos e presentes na relação diária da Unidade com sua própria Gerência e com outras instâncias da Secretaria, ainda que não exteriorizados verbalmente em suas políticas curriculares. Entendemos por política “o conjunto de práticas e instituições por meio das quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo *político*” (MOUFFE, 2015, p. 8).

A UNERGS tem uma estreita relação com a Unidade de Educação para as Relações Raciais (UNERA), passando pela centralidade da noção de interseccionalidade. Alguns estudos interseccionais (BRAH, 2006) manifestam pontos de aproximação em relação à teoria do discurso, sobretudo a partir do conceito de sobredeterminação, que nos convida a pensar o campo das identidades de forma contingencial, em que “nem a absoluta fixação nem a absoluta não-fixação são possíveis (LACLAU; MOUFFE, 2015, 185). No discurso, é impossível uma sutura final, não existe a centralidade em um marcador identitário, como classe social, gênero, raça ou território; esses múltiplos elementos são constitutivos da própria subjetividade e, também, não se aglomeram gerando uma sobreposição de opressões; se entrecruzam gerando experiências (processos de significação) específicas e situadas a partir de processos articulatórios (BRAH, 2006). Com isso, admitimos não somente a pluralidade do campo subjetivo, mas também seu caráter fluido.



As GREs, enquanto gerências das escolas estaduais, foram evidenciadas nas conversas que deveriam ser pontes, mas são obstáculos de comunicação, dificultando o ingresso das ações da unidade nas escolas (como a política do uso do nome social e do uso de banheiro por pessoas transgêneras), podemos identificar o que Glynos e Howarth (2018) chamam de lógicas sociais de competição, captando “as formas como os atores [e atrizes] interagem uns com os outros como rivais” (idem, p. 78). Consequência das relações neoliberais, as lógicas de competição operam “no contexto de novos discursos de gestão pública, de comercialização e de mercantilização” (idem, p. 79). Atreladas às lógicas sociais de competição, há duas outras lógicas, contextualizadas pelos autores. A primeira, a lógica social da hierarquia, contempla “uma gama de modos de governança de cima para baixo, incluindo algumas formas de estruturas de governança colegiadas” (idem, p. 79). A UNERGS encontra, em alguns momentos, uma barreira comunicativa com as escolas por conta das GREs, devido a hierarquia para se chegar à unidade de ensino, esbarrando em falhas burocráticas e estruturais e na própria “imprevisibilidade do chão da escola”, conforme discutido por Macedo (2017).

A segunda lógica social, que os autores denominaram lógica da atomização, “descreve padrões de articulação discursiva que individualizam as instituições e as pessoas como entidades independentes e assim isolando-as umas das outras, enquanto abstraem-se de suas virtudes, habilidades e outros atributos” (idem). Essa segunda lógica, decorrente da primeira, obriga os/as docentes que quiserem trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade a agirem sozinhos/as nas escolas.

A receptividade das atividades elaboradas são dependentes da “reavaliação” singular de cada técnico/a, docente, gestão, escola e gerência, que se manifesta através dos tensionamentos, causando peculiares delineamentos quanto às atividades desenvolvidas pela UNERGS, às vezes prosseguindo, às vezes “estacionando”. Essas “reviravoltas” estão em constante movimento, em constante “diálogo”, que é maximizado através da comunicação direta e apoio às escolas. Os debates, ações e projetos da unidade aparecem como “disparadores” de disputas internas, de enunciações “absurdas”, garantindo uma metodologia que faz “emergir” os conflitos, dúvidas e experiências de gênero-sexualidade-educação presentes naqueles espaços.

Após a eleição presidencial em 2018, novos tensionamentos são delineados, bem como a recepção dessas atividades pelos/as estudantes, surgindo falas de ameaça contra uma



suposta “ideologia de gênero”. Mas, isso não impediu a continuação do trabalho, de alguma forma até fortaleceu a articulação entre as/os agentes envolvidas/os no trabalho. As situações de violência também se diferenciavam de acordo com diversos fatores, produzindo denúncias quanto aos processos normativos de transfobia, levantes, reavaliações, retaliações, violações nas escolas, nas gerências e na própria secretaria de educação.

A rearticulação das atividades da UNERGS pelas corpas estudantis passaram por múltiplos delineamentos, como: processos de identificação (ou não) com as temáticas, a criação de redes de afeto, construção de conhecimento e engajamento político em busca do reconhecimento de direitos. As principais indagações estudantis se tratavam da razão da ausência das discussões sobre gênero-sexualidade-educação em caráter formal na escola.

Com relação às principais conquistas da UNERGS até o momento, percebe-se sobretudo dois fatores: a) o crescimento, abrangência e impacto dos projetos, atividades e temáticas abordadas; e b) a construção de uma “rede de solidariedade” entre as participantes da unidade e agentes educativos. Por meio de uma proposta interseccional, as pautas de gênero e sexualidade se aproximam de pautas sobre gordofobia, racismo, conflitos geracionais resultando em demandas antagônicas ao obscurantismo e à onda (neo)conservadora atuante no país. As condições da produção discursiva da UNERGS são dadas pela “própria riqueza e pluralidade das lutas sociais e contemporâneas” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 52) e envolve operações radicalmente contingentes, demandas político-curriculares híbridas que se rearticulam nas secretarias de educação, gerências, unidades e escolas. A unidade tem promovido a criação de contextos alternativos e vias para a mudança.

Os eventos não calculados e indesejados, como a ação de grupos conservadores, a tentativa de criminalização da atividade docente, a repressão às discussões sobre gênero e sexualidade acabam tendo efeito contrário e servindo como oportunidade de ação coletiva e constituição de subjetividades. De diferentes formas os projetos e ações da UNERGS tem promovido novos significados, fomentando experiências estudantis e docentes através das formas de dizer, estar, viver e se fazer visível e vivível (RANNIERY; MACEDO, 2018). Dessa maneira, as conquistas na (ainda) curta trajetória da unidade estão inextricavelmente relacionadas às posições de sujeito que a constituem e a “rede de afetos” constituídas.

Nas entrevistas, perguntei sobre os desafios que a unidade vivencia(va) no âmbito da secretaria e da rede estadual de ensino de forma geral. Nessa oportunidade, foram pontuados,



principalmente, a escassez de recursos financeiros e humanos. Concordamos com Macedo (2017) quando ela denuncia como as lógicas neoliberais constroem barreiras para a viabilização de demandas educacionais, especificamente através da carência de recursos financeiros e humanos. Portanto, “tanto as demandas neoliberais por *accountability* quanto às demandas críticas por justiça social vêm tensionando uma a outra na negociação, sem deixar de destacar a maior força das demandas neoliberais nesse processo” (idem, p. 509). A normatividade neoliberal trabalha por via de prestação de contas e fixação de metas, como uma ampulheta que gira a cada recurso financeiro que chega.

Ao mesmo tempo que há toda uma demanda por ações na área de direitos humanos e justiça social, quase não há incentivo financeiro institucional para realização das atividades. A maior responsabilidade recai sobre a equipe que busca parcerias voluntárias e, algumas vezes, precisa arcar com o custo do trabalho. Outro aspecto que se destaca é uma certa vigilância e cuidado com os termos usados nas formações, numa tentativa de conciliação entre diferentes posições políticas sobre as questões que envolvem gênero e sexualidade na educação. Macedo (2017), nos alerta sobre como a noção de “direitos” e “diversidade” foi elencada na segunda versão da BNCC como forma de aglutinar as demandas por justiça social. Por meio de relações agonísticas (MOUFFE, 2013), o currículo neoliberal, numa tentativa de estabilização das disputas hegemônicas por demandas da diferença, congrega um conjunto de diversas noções curriculares quando utiliza esses significantes, sempre deixando seus significados implícitos, ainda que demarcando sua própria racionalidade técnica na noção “direitos humanos”.

Esse “jogo de cintura” configura-se como um complexo processo de negociação de sentidos e de práticas articulatórias (LACLAU; MOUFFE, 2015), atenuando tensões “delicadas” entre instâncias governamentais e representantes de movimentos neoconservadores da sociedade civil. Nesse sentido, a UNERGS acaba desempenhando o papel de perceber o fortalecimento e articulação desses grupos em diferentes níveis de governabilidade (municipal, estadual, regional e federal), reorientando suas políticas educacionais constantemente.

A narrativa da “ideologia do gênero” é reivindicada como lógica fantasmática (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018) e estratégia para criação de pânico moral, através de um horizonte de realização - a proteção de crianças e adolescentes, a estruturação de uma família



nuclear, por exemplo - como dimensão beatífica; assim como a construção de um inimigo que ameaça o alcance desse horizonte - os movimentos sociais e a própria UNERGS como entidades “doutrinadoras” - como dimensão horrífica. Nesse sentido, essa perspectiva de gestão, assim como docentes e a comunidade escolar, se veem interrogados a proteger seus ideais quando procuram impedir o uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero ou “seguem errando” o nome social, obstaculizando a garantia da educação em direitos humanos. O currículo, como prática discursiva que abarca a complexa rede de significação da escola, torna-se um espaço-tempo de intensos debates. As lógicas sociais de competição (GLYNOS; HOWARTH, 2018) se manifestam como obstáculos para o trabalho da unidade: a gestão escolar, como “instância máxima” dentro da escola, muitas vezes, opera conforme com a lógica da *hierarquia*, dificultando o acesso. O argumento de uma comunidade escolar conservadora que não aceita as discussões promovidas pela UNERGS apresenta-se como uma lógica de *atomização*.

Percebemos que os conservadorismos atuam sistematicamente no cotidiano da realização dos projetos da unidade tanto quanto na regulação da performance docente. Portanto, as relações agonísticas vivenciadas custam o “preço” desse lugar “dialógico”, “pedagógico”, necessário, porém “cansativo”. Toda essa “paciência”, toda a “pedagogia”, a “sensibilização” através da arte, dos filmes e da poesia são decisões políticas para avançar nos embates hegemônicos, porém, em contrapartida, vem o adoecimento físico e mental. Como mulheres atravessadas por marcadores sociais de gênero, raça e orientação sexual, as integrantes da unidade são afetadas por esses processos.

As atividades da UNERGS são atravessadas por conflitos, disputas, negociações e fortes relações afetivas. Não somente as atividades formais fazem parte desse currículo, mas “um conhecimento construído, em movimento, *queerizado e embichado* no diálogo, como-experiências-vividas (SUSSEKIND, GONÇALVES JUNIOR; OLIVEIRA, 2021, p. 121). Todas as práticas discursivas compartilhadas pelas corpos que transitam naquele espaço-tempo deixam suas marcas de gênero, sexualidade, raça, de geração e de território como conhecimentos de presença (idem) que “pintam” segundo suas respectivas performances, *transgredindo* essa passagem, saindo das zonas de irreconhecibilidade e ocupando campos de docência.



(In)conclusões

*Deixa a gira, girar
(Os Tincoãs)*

Mesmo que não esperando o que poderia ser manifestado nas entrevistas, as narrativas tratavam de, sem precisar necessariamente de meu singular contato acadêmico e religioso, se movimentar pelas encruzilhadas pedagógicas. A UNERGS já possuía vínculos e afinidades com o pulsar exusíaco a partir de suas azougadas, imo xirês e andanças nas rodas iorubás. Enquanto a teoria do discurso cobrava meu entendimento da mobilidade do discurso, essas habilidades iam se incorporando nas escritas, nas formações, nas mandingas, nos ebós epistemológicos e no próprio terreiro, no “balançar do esqueleto” e nos transe corporais e espirituais. Nunca foi sorte, sempre foi Exu.

Exu e as pombo-giras! Apenas consegui traçar esses caminhos por meio delas, me fazendo agradecer imensamente pelas suas narrativas em relação às estripulias e peripécias do mundo de gênero-sexualidade-educação em terras pernambucanas. Como nos ensina Rufino “a narrativa inventora do mundo, a partir do advento da modernidade ocidental, produz presença em detrimento do esquecimento” (RUFINO, 2019, p. 14). Suas relações profissionais, pessoais e seus estudos em gênero e sexualidade emergem (re)articulados nos projetos e ações da unidade a partir de relações de identificação entre a corpa e o que ela investiga. Suas falas não somente complementam meu trabalho, mas estruturaram as minhas palavras, as minhas análises sobre os processos discursivos que as rodeiam, comprovando que, se não somos emancipadas e oniscientes às sujeições regulatórias, também não estamos passivas.

Suas falas denunciaram as lógicas neoliberais que permeiam os embates teórico-políticos que cerceiam a roda gênero-s[exu]alidade-educação, através de práticas discursivas, como “flechas atiradas” contra os carregos de uma pressuposta “ideologia de gênero”, e ataques ao “chão da escola”, como tutela de crianças e adolescentes e controle das corpas que ali transitam.

Ao mesmo tempo, esta pesquisa também busca contribuir para o momento pedagógico e político que estamos experienciando, dando novas pistas dos desafios que nos aguardam. Busquei apresentar os equívocos teóricos de gozo por um horizonte emancipatório, das



perspectivas histórico-graduais, sobretudo amparada no trabalho com as temáticas referenciadas em âmbito estadual. Nesse sentido, somente uma noção de currículo enquanto discurso e, igualmente, como movimento, poderia ter a capacidade teórico-analítica de abarcar os processos de subjetivação, as experiências estudantis e docentes, as fragilidades, conquistas e desafios de uma secretaria de educação, em Pernambuco, em sustentar uma unidade de gênero-s[exu]alidade-educação mesmo em contextos de avanço de extrema-direita em cenário global e nacional. Nesse quesito, a região Nordeste expressa mais uma vez suas potencialidades, empurrando os limites dos conflitos políticos em meio às zonas fronteiriças, deixando a gira girar.

Neste momento, invisto na honestidade em pronunciar as inúmeras dificuldades físicas e emocionais em fazer essa obra, em uma forma quase confessional em exprimir o cansaço de realizar este trabalho, em movimentações terapêuticas chorosas de existir na universidade. Exaustão essa também compartilhada pelas entrevistadas, pelo cotidiano cansativo do trabalho de lidar com essas “giras”, ousando em continuar a empurrar os limites discursivos a partir dos projetos e atividades que eram elaborados e realizados pela unidade. Elas se apegam em suas conquistas, como a construção de redes de solidariedade - assim como me apeguei para conceber essa pesquisa, que com prazer e alegria entrego, não apresentando um ponto final, mas algumas reticências...

Caminhando para fechar essas (in)conclusões, essa roda de saberes, nossa conversa, pensar o currículo das escolas como espaço-tempo de enunciação envolve abandonar noções desses campos como passivo, como simples reprodutor de desigualdades sociais para finalmente admitir as expressões dissidentes, provenientes do diferir performativo de gênero, sexualidade e outras identificações e modos de viver das corpos. Exu está presente nessas escolas, nessas unidades - incluindo a UNERGS e a UNERA - e nas secretarias de educação, que gingam com as lógicas neoliberais e conservadoras como desafios (não-)impeditivos e transitam por elas, movimentando através das extrípulias exusíacas.

Referências

BAUER. Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.



BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 6, p. 329-376, 2006.

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. IN: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia**

do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. *Logics of critical explanation in social and political theory*. London/New York: Routledge, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia política**. Vol. 18. Nº 43. PP. 449-502. Set-Dez, 2018.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

MACEDO, E. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.38, n. 139, p. 507-524, abr-jun, 2017.

MISKOLCI, R. Estética da Existência e Pânico Moral. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (ed.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de, OLIVEIRA, G. S. de. Políticas de gênero e sexualidade brasileira: crise hegemônica e novos eixos de disputa. IN: LOPES, A. C., OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de, OLIVEIRA, G. S. de. **Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre a teoria política do discurso e análise do discurso em educação. IN: LOPES, A. C., OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de, OLIVEIRA, G. S. de. **A teoria do discurso na pesquisa em Educação**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

RANNIERY, Thiago. MACEDO, Elizabeth. Políticas do vivível: diferença, teoria e democracia por vir. In: Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo. Alice Casimiro Lopes, Anna Luiza A. R. Martins de Oliveira, Gustavo Gilson Sousa de Oliveira - Recife: Ed. UFPE, 2018.



RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. GONÇALVES JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta. OLIVEIRA, Luiza Tulani Aguiar de. Monstras e Currículos de gênero ao sul de Maple St. IN: CAETANO, Marcio. SOARES, Maria da Conceição Silva. (orgs.). **Queer(i)zando Currículos e Educação:** narrativas do encontro. 1 ed. Salvador - BA: Editora Devires, 2020.